

SOFÁ NA RUA EM PELOTAS Caminhografias ¹

*SoFÁ NA RUA IN PELOTAS
walkgraphy*

Carolina Frasson Sebalhos² e Eduardo Rocha³

Resumo

O presente trabalho versa sobre o evento “Sofá na Rua” que acontece na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, contextualizado em meio a outros eventos, como o evento começou, tímido, e como o sofá foi parar na rua. A partir de então é usado a caminhografia como método de apreensão do espaço-evento, da rua e seus atravessamentos. Das discussões, nada se infere, surgem mais e mais perguntas, o que um corpo é para a rua? Que corpo é esse? Quais dispositivos ele produz? Perguntas que não ficam sem respostas, mas que também não pretendem definir em absoluto o que se questiona. Uma caminhada em pés e pensamentos é o resultado desta pesquisa, a cidade como ela é, no corpo, na cabeça e no pé.

Palavras-chave: evento de rua, caminhografia, caminhar, urbanismo contemporâneo.

Abstract

This work is about the “Sofá na Rua” event that takes place in the city of Pelotas, in Rio Grande do Sul, contextualized in the midst of other events, how the event began, shyly, and how the sofa ended up on the street. From then on, walkography is used as a method of apprehending the space-event, the street and its crossings. From the discussions, nothing is inferred, but more and more questions arise: what is a body for the street? What is this body? What devices does it produce? Questions that don't go unanswered, but which also don't aim to define what is being questioned. A walk in feet and thoughts is the result of this research, the city as it is, in the body, in the head and in the foot

Keywords: street event, walkgraphy, walking, contemporary urbanism.

¹ O presente trabalho é parte integrante da pesquisa de dissertação “Heterotopias na cidade: caminhografias do evento Sofá na Rua em Pelotas-RS”, apresentado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo no ano de 2021.

² Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteta e Urbanista.

³ Doutor em Arquitetura, Mestre em Educação, Especialista em Patrimônio Cultural, Arquitetura e Urbanista.

Introdução

O presente trabalho trata sobre o caminhografar o evento “Sofá na Rua” em Pelotas/RS. Ocupação do passeio público, logradouro, rua, cidade. Por que é necessário sairmos à rua e ocupá-la? Por qual motivo o pé nos paralelepípedos beirando o cais do porto é imprescindível para entender uma ocupação temporária, efêmera e diversa? O que há de diverso? Realmente há?

Entre tantas perguntas surge a necessidade do caminhar, ver, ouvir, sentir, se deixar ir e vir. Anotar, atravessar, cartografar. E em meio a isso: a rua, a cidade, o caderno e a festa. Um movimento de uma urbanista, de alguém que deseja a cidade, se deixa à cidade para seguir pistas do que ela é de verdade, do que ela⁴ não é, do que compõe os momentos e ainda assim perpetua, na passagem, um sentimento de pertencer. Ser.

Na rua: o caminhar. No papel: o escrever. Aqui, vamos partir do global ao local, da cidade ao evento, do evento ao atravessamento. Dos atravessamentos: pensamentos, reflexões, perguntas, ligações. Atravessamentos estes que resulta em três caminhografias. Uma delas, distinta, os pés não fazem mais parte do caminhar, o virtual toma conta da ação do pisar como tentativa – e erro – de uma possibilidade outra, a pandemia exigiu. Nos resultados, mais perguntas que respostas, onde vai o pensamento.

Da urbe à rua

O termo “pensar global, agir local” é um dos grandes lemas atuais e foi cunhado pelo sociólogo alemão Ulrich Beck (2011). Para ambientalistas e empresários que propõem um consumo consciente, sustentabilidade e solidariedade, a frase exprime um modo de agir, viver, consumir e construir.

Na arquitetura e urbanismo, o lema reflete o pensamento atual que visa a sustentabilidade e o fazer cidade em uma escala humana. Diferentemente dos modernistas com suas grandes escalas, arquitetos e urbanistas contemporâneos tentam quebrar esse paradigma das cidades industriais. Pensar localmente é reduzir a escala do pensamento, chegando diretamente na população usuária do local que está sendo projetado. Cada comunidade, região, bairro, cidade, possui suas particularidades, não cabendo mais os modelos universais aplicados ao redor do mundo sem distinção.

Nessa temática, temos dois exemplos relevantes na literatura sobre o “agir local”. Em “Cidade para pessoas” do arquiteto Jan Gehl (2014), há uma crítica à modernidade e sua escala projetual, com destaque para a importância de planejar cidades mais habitáveis, sustentáveis e saudáveis.

Para que isso seja possível, Jan Gehl (2014) defende que a escala humana deve ser o principal fator de decisões, o que incita debates sobre mobilidade, priorização de transportes alternativos (ciclismo e transporte coletivo), dinâmicas de vitalidade e segurança nas áreas urbanas.

Em “Morte e vida das grandes cidades”, a ativista e jornalista Jane Jacobs (2014) debate sobre a reurbanização e o planejamento urbano voltado à população. Focada nos vários usos de um bairro, a autora trata as ruas e calçadas como órgãos vitais de uma cidade, onde os protagonistas devem ser os cidadãos e cidadãs que contribuem

⁴ A cidade ou a urbanista?

diretamente com a economia e a cultura local. Para a autora é importante que o morador sinta segurança ao fazer uso de ruas e calçadas, sentindo-se integrado ao bairro e a cidade.

Gehl (2014) e Jacobs (2014) propõem o uso misto e a ocupação da rua pelos moradores do bairro e da cidade que está sendo (re)planejada. Um espaço plural com acesso à cultura, desenvolvimento, educação e saúde, que (re)ative o senso de pertencimento da população.

Um meio para ativar bairros e ruas é através dos eventos que acontecem esporádica ou regularmente, como feiras, mostras de música, teatro, comércio, entre outros. Na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, existem diversos eventos que acontecem periodicamente promovendo uma grande circulação de pessoas entre os bairros e interação entre moradores.

A Feira Nacional do Doce (Fenadoce) e o Festival Internacional Sesc de Música, são dois grandes eventos que acontecem anualmente na cidade, com cerca de 28 e 10 edições respectivamente. A Fenadoce promove o comércio de doces da região, um festival de gastronomia, shows para a população e espaço cultural com apresentações teatrais, circenses e musicais. Assim como o Festival de música, que promove shows gratuitos em várias regiões da cidade, ativando o comércio local e os espaços públicos.

As feiras livres acontecem diariamente pelas manhãs e à tarde, em vários bairros da cidade, assim como o Piquenique Cultural, com o slogan “onde a cidade se encontra” em um movimento artístico que acontece em praças e parques de Pelotas. Não menos importante, se mostra o Carnaval de Rua de Pelotas, com vários blocos que percorrem as ruas da cidade nos 3 dias festivos.

Dentre os eventos pelotenses, o objeto desta pesquisa é o “Sofá na Rua”, organizado pelo coletivo Casa Fora do Eixo e realizado mensalmente na Rua José do Patrocínio, bairro portuário da cidade. O evento conta com 75 edições realizadas até a presente data, sendo as últimas 5 em formato online via Facebook. Os organizadores afirmam que o evento promove a democratização da rua através de um intercâmbio social e do acesso livre à cultura, provocando uma resistência à organização social que não investe suficientemente em políticas públicas voltadas para esse fim.

Da cidade ao sofá

Para entendermos o contexto em que o evento “Sofá na Rua” está inserido, necessitamos revisitar a história da cidade de Pelotas de maneira crítica e não-fantasiada. Quer dizer, nos deslocarmos das narrativas históricas embranquecidas e que amenizam – se não apagam completamente – o passado aristocrático e escravagista de seu surgimento.

Durante o Império brasileiro, colonizadores exploravam as terras brasileiras mantendo a mão-de-obra escrava de negros e indígenas. Uma das principais fontes de alimentação oferecida para os escravizados era o charque que inicialmente era produzido na região do Nordeste brasileiro. Com a seca da região, comerciantes viram a oportunidade de implementar no Rio Grande do Sul fazendas que produzissem a carne salgada para suprir essa demanda (VARGAS, 2017).

Em 1770, chega à região de Pelotas o charqueador José Pinto Martins, que estimulou a criação de mais fazendas de charque na localidade. Antes mesmo de ser reconhecida como cidade (ato que ocorreu em 1835), em 1822 já haviam 22 charqueadas, fazendas que produziam o charque e comercializavam couro, sebo, graxa, chifres. O professor historiador da Universidade Federal de Pelotas, Jonas Vargas (2017) estima que cada proprietário de fazenda de charque utilizava cerca de 55 a 65 escravizados, população que compunha 1/3 do número de habitantes da cidade em 1870.

Ao se tornar a maior produtora de carne-seca no período do Império, a cidade de Pelotas teve sua ascensão econômica graças as charqueadas. Porém, essa prosperidade econômica se deu às custas do trabalho escravo, sendo os grandes proprietários de fazendas de charque, os Barões do charque, os maiores proprietários de cativos do Brasil meridional – que inclui além dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, também Rio de Janeiro e São Paulo.

Pelotas, então, foi uma das grandes favorecidas pelo tráfico transatlântico, prova disso é o declínio que sofreram as fazendas de charque a partir dos anos de 1900, não coincidentemente a partir da abolição da escravatura e também, da queda do império monárquico. Vargas(2017) relata que “a escravidão não apenas viabilizou o surgimento da própria cidade como enriqueceu os proprietários das fábricas de charque, tornando-os os proprietários mais ricos do Rio Grande do Sul.”

Com tamanha riqueza, as famílias nobres da época promoviam e apreciavam a cultura com a construção de teatros e palacetes. Realizavam também muitas festas, os saraus foram os responsáveis pela fama que carrega Pelotas, hoje conhecida como a capital nacional do doce, graças aos doces portugueses e africanos que eram oferecidos enrolados em papel seda e enredados na época.

Além dos doces, a produção de pêssego, morango, arroz e gado foram bastante importante para a manutenção da cidade e sua população. Depois dos conflitos territoriais, guerras e batalhas ocorridas no território de Pelotas, grande parte da população que residia nessa localidade partiu para outras regiões, o que causou um declínio no crescimento da cidade.

A cidade voltou a crescer com a federalização da Universidade Rural do Sul, e depois com o decreto presidencial de 1969 que a transforma em Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). O crescimento da cidade acompanha o da universidade, que por muitas décadas foi constante, porém lento. Foi a partir de 2007 que a UFPeL adere ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o Reuni, quando a cidade acompanhou um crescimento sem precedentes, aumentando o número de cursos de 58 para 96 e dobrando o número de estudantes, em sua maioria de outras cidades e regiões do país.

Esse crescimento provocou uma renovação e uma popularização dos debates e resistências urbanas, ao combater a cultura conservadora pelotense. O acesso democrático à cultura, principalmente popular, é a pauta de muitos dos eventos de rua que acontecem na cidade, tendo como sua maior atração, reconhecida no Brasil inteiro, o carnaval de rua. Porém, existem outros eventos que provocam e fomentam o debate crítico político, social e econômico, como o nosso objeto de estudo.

O evento “Sofá na Rua” teve sua primeira edição em 2012 dentro da programação do Festival Vira Lata⁵ na cidade de Pelotas. Com show da banda Vade Retrô ocupando a parte interna da Casa Fora do Eixo e parte da rua, sem bloqueá-la, para a festividade. A Casa Fora do Eixo foi um espaço que promovia o intercâmbio social que compreendia moradia, escritório, casa de show e agências de mídia livre (CASA FORA DO EIXO PELOTAS, 2013).

Como o lugar era muito pequeno para sediar o show, foram colocados um sofá e os equipamentos do show na vaga de estacionamento em frente à casa e ali, com cerca de 50 pessoas, deu início a primeira edição do evento. As edições seguintes usavam tanto o interior quanto a rua para expor arte, vender artesanatos e comidas caseiras, algo que cresceu culturalmente no evento e se transformou no que hoje o evento chama de “economia criativa”. Que são vendas de artesanatos, camisetas personalizadas, comidas caseiras, brechós, entre outros (Figura 1).

Poucas edições depois, o evento já se tornara grande o suficiente para fechar a rua e chamar cada vez mais pessoas interessadas no intercâmbio social fomentado pelos organizadores. Em um ano de evento, participaram artistas locais e regionais de música, pintura, grafite, dança, com intervenções circenses e mais outras tantas. O evento também fez parte de outros festivais da cidade como 4º Grito do Rock Pelotas e mais adiante a Virada Cultural promovida pela Secretaria de Cultura de Pelotas.

Em sua 24ª edição, o evento mudou-se da rua em frente à Casa Fora do Eixo, para a Rua José do Patrocínio, no Cais do bairro do Porto. Com uma parceria com o Galpão do Rock – hoje Galpão Satolep – o evento pôde expandir seu público e abrir mais espaços para artistas independentes, nacionais e internacionais. Em sua página no Facebook, os organizadores contam:

Sofá na Rua #24 Trem Imperial + Circo + Donah Dinna + Dia da Mulher. Sofá nas ruas do Porto! Pela primeira vez o sofá saiu da sua rua e criou seus aposentos no cais do porto, entre ruínas de prédios abandonados sobressai imagens de uma história esquecida, uma cidade que mantém orgulho de sua tradição do Sal (Charque) ao açúcar (Doce), uma princesa que continua condicionada! Ocupamos o porto para mostrar uma contra cultura que deseja muito mais que desenvolvimento econômico voltado a empresas, de uma população que se apropria de suas ruas e se expressa com sua identidade, com ideias simples e criativas criamos ambientes de trocas e experimentações, a subversão da educação. O porto não quer mais navios de cargas! ele grita por arte, educação, por ambientes de encontro, de conscientização, humanização. Queremos uma cidade que respeita a diversidade de gêneros, de classes e de espaços! #FinanciamentoColetivo #OcupaPorto #DiadaMulher #ArtesIntegradas #SofánaRua (SOFA NA RUA, 2014).

A ideia inicial buscava fomentar a visibilidade artística cultural e a economia solidária em um evento aberto à comunidade. Proporcionando acesso democrático à cultura como forma de resistência social que não dá acesso livre a cultura e arte. Atualmente o evento conta com cerca de 2000 pessoas por edição (TAVARES; LEMOS, 2015).

5 Projeto da LoBit juntamente com a Casa Fora do Eixo que compôs o calendário do Circuito Sul de Festivais e Rede Brasil de Festivais, com a proposta de integração de cultura e arte, englobando artes visuais, música, dança, teatro, audiovisual e economia, ocorrido em novembro de 2013.



Figura 1 - Fotos oficiais do evento “Sofá na Rua”. Fonte: SOFÁ NA RUA, 2021.

Até o fim do ano de 2019⁶ foram 70 edições do evento realizados em Pelotas (Figura 2) e desde então alguns eventos online com participação de artistas através de lives e debates sobre cultura com encontros através da internet. O evento promove a democratização da rua e a indução de manifestações artísticas, trazendo cultura à população. Sobre isso, comenta a produtora executiva Isadora Passeggio em entrevista concedida à Isabelle Domingues para o jornal e-cult mídia ativa de Pelotas, para Passeggio o evento serve para:

movimentar e estimular a criação, produção, divulgação, socialização e acessibilidade às manifestações artísticas e culturais, não como um processo finito, mas como uma ação integrada e articuladora, tanto pelo seu conteúdo cultural quanto pela maneira como se apresenta. [...] O evento é efêmero. O que fica é a memória e a vivência. Existe uma construção simbólica e imaterial que pode ruir a qualquer momento se nos apoiarmos no que ele foi e não no que ele é ou pode vir a ser. O Sofá está em nosso imaginário e na nossa paixão. Não existe estabilidade nesse trabalho, é uma batalha constante para mantê-lo vivo. [...] O Sofá é resistência, é união, é paixão, é respeito, é diversidade, é transformação. O atuador deve ser lúcido e ambicionar mudar a sociedade, percebendo como primeira e urgente a transformação de si mesmo (DOMINGUES, 2019).

O evento busca promover o uso da rua pelas pessoas, pelos pedestres, pelos artistas e cidadãos. Democraticamente convida todas as classes, faixas etárias e tribos pra uma festa ao ar livre e à celebração da diversidade. Para Passeggio, “a rua é um espaço democrático onde só ali é possível refletir a sociedade conforme ela se organiza e criar novos mecanismos de atuação e transformação”. Isso significa, “oportunar acesso às artes, produzir cultura, e legitimar um lugar que, por ser estratégico, também se converge em espaço educativo e político cultural.” (DOMINGUES, 2019).

Caminhar: observação

Dentro do presente trabalho existem duas metodologias, a metodologia de escrita e pesquisa e a de investigação e apreensão da cidade. A primeira, coleta de dados através da pesquisa bibliográfica, em destaque para filósofos que nos ajudam a entender onde se coloca o corpo atento, o corpo que dá a possibilidade de atravessamentos, afectos e perceptos. O que nos leva à segunda metodologia: a caminhografia em si, usando os conceitos estudados como prática de corpo e mente, de forma a deixar fluir os acontecimentos da rua e reverberar não só no corpo do caminhógrafo, mas também como forma de suas anotações, sejam escritas, desenhos, registros de imagem ou som.

Vale ressaltar, que ao longo da pesquisa foram revisitados os objetivos e o problema de pesquisa em diversos momentos. Sempre com intuito de aprimorar as proposições para que ficassem mais perto da realidade da pesquisa e do que se encontrava ao longo da produção de dados. Dessa forma, nossa explicação exige uma conversa sobre o caminhar. Como reconhecemos e o que fazemos em nossos territórios, lugares de nossos pés.

⁶ Na época da pesquisa os eventos foram paralisados devido à pandemia. Até dezembro de 2023, foram realizados 93 edições do evento.

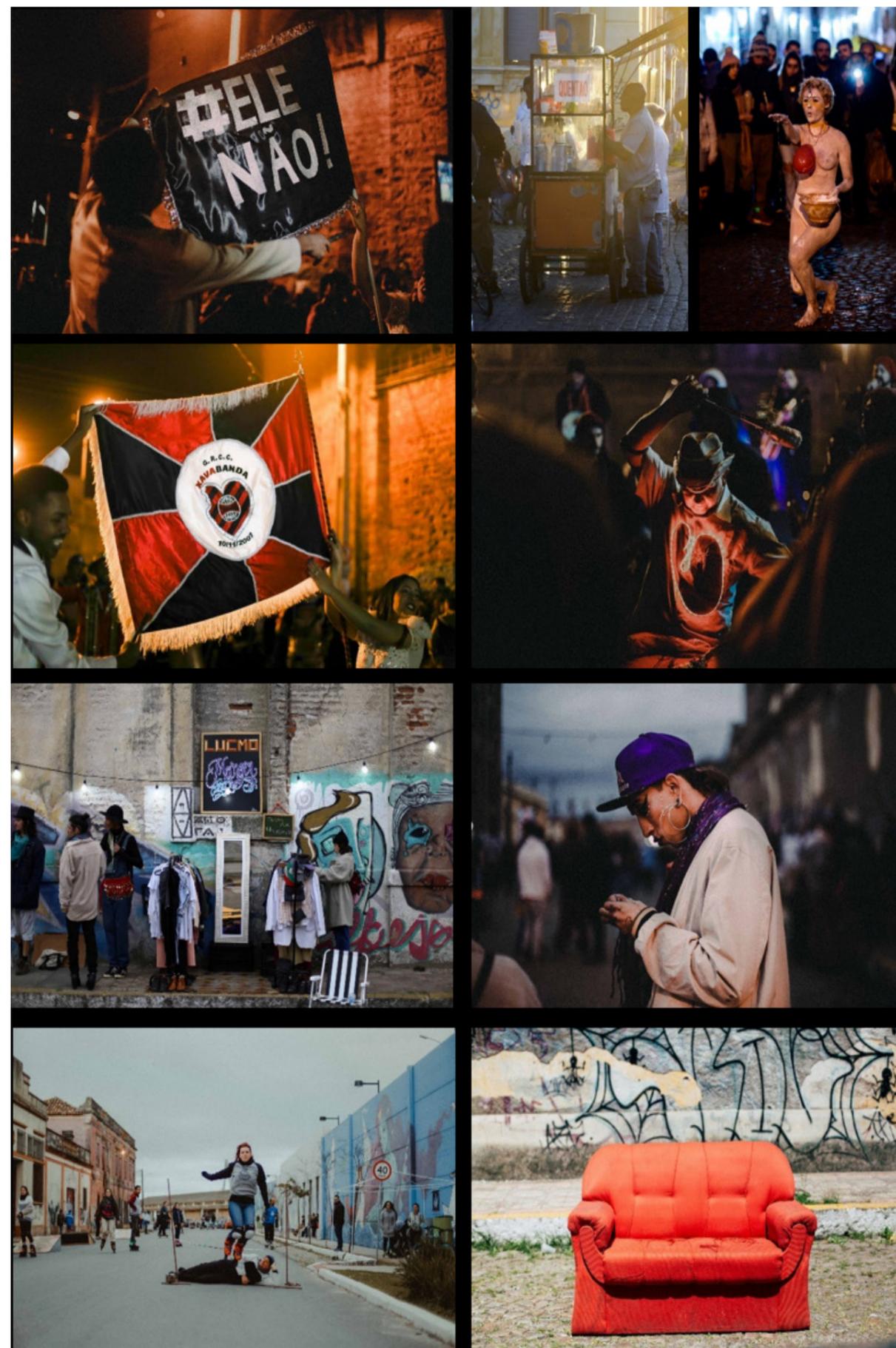


Figura 2 - Fotos oficiais do evento “Sofá na Rua”. Fonte: SOFÁ NA RUA, 2021.

Deleuze e Guattari (1997b) nomeiam os dois tipos de ocupação do território como espaço liso e espaço estriado. Sendo o primeiro do território nômade, menos denso, mais líquido, por isso, vazio. Já o espaço estriado, é o território sedentário, mais denso, cercado por muros, percursos, recintos, por tanto, cheio. Nesta mescla de cheios e vazio existe a margem para o intercâmbio, dentro de um, o outro.

Das origens da humanidade, das migrações intercontinentais e do intercâmbio entre povos, surge a habilidade de ler paisagens, de se orientar no vazio, de se apropriar e mapear territórios. Ao caminhar por espaços não mapeados, o espaço torna-se lugar e caminhar se transforma em ato perceptivo e criativo de leitura e escrita de um território.

Foi na década de 1920 com o movimento dadaísta que o caminhar ganha uma nova função. Ao fazer uma excursão pelos lugares banais da cidade de Paris, como uma operação estética consciente, substituíram a obra de arte pela deambulação, sem modificar o espaço, sem deixar rastros, uma provocação a antiarte.

Os surrealistas seguindo os dadaístas recriaram a figura do flâneur, um personagem efêmero que perdia seu tempo vagabundeando pela cidade. Ao irem a um lugar desconhecido sem deixar rastros físicos e sem elaboração a partir dessa experiência, os artistas tinham como ação apenas visitar o lugar, realizando o fazer nada. Apesar das tarefas que faziam no percurso, como ler um texto ao acaso, apresentar transeuntes e fazer movimentar a rua, seu principal objetivo era visitar lugares onde não existiria nenhuma razão para sua existência.

A partir dessas deambulações começa a investigação do inconsciente da cidade. Uma deambulação na França fez surgir o Primeiro Manifesto Surrealista, e com ele a definição do surrealismo: “automatismo psíquico puro com o qual se propõe expressar, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outro modo, o funcionamento real do pensamento”. Isso porque, ao passar dias caminhando do centro de Paris à uma cidade ao acaso, Breton – autor do primeiro manifesto surrealista – descreve a deambulação como uma “exploração pelos limites entre a vida consciente e a vida dos sonhos” (CARERI, 2018, p. 78). Dessa forma as deambulações sugeriam uma desorientação, um abandono do inconsciente, deter o espaço como sujeito ativo, produtor ele de afetos e de relações.

Assim, dá início a uma troca recíproca com o lugar, resultando num forte estado de apreensão: compreender e inquietar. Os surrealistas acreditavam que o espaço poderia ser atravessado assim como a mente humana também poderia. É nos territórios desconhecidos da cidade, fora do itinerário turístico que se desenvolvem os passeios, os acontecimentos inesperados, os encontros, os jogos coletivos. Ideia que depois é desenvolvida pelos situacionistas e sua cartografia.

Na década de 1950, os letristas se apropriam dos conceitos do surrealismo para desenvolvê-lo como atividade lúdica e coletiva, para definir essas zonas inconscientes da cidade e investigar os efeitos psíquicos que o contexto urbano produz. Passam a construir e experimentar novos comportamentos na vida real e modos alternativos de habitar a cidade através da deriva.

Os letristas rejeitavam a separação da vida cotidiana aborrecida e alienante e da vida imaginária fantástica, acreditavam que a realidade deveria ser maravilhosa ela mesma. Isso, através da construção de situações: “agir e não sonhar”. Ao ajustar a teoria da deriva urbana para “trabalhar na construção consciente e coletiva de uma nova cultura” (CARERI, 2018, p. 86).

Ao substituir a cidade consciente e onírica pela cidade lúdica e espontânea, os situacionistas propõem o mapeamento urbano através das várias percepções de um percurso, para compreender as pulsões e os afetos que a cidade provocava a cada indivíduo que por ela caminha. Para isso, apresentam um jogo que lança o desafio de um novo uso do tempo e do espaço, ou melhor, dispuseram quase uma volta à era paleolítica: espalhar, ao invés de consumir.

O jogo constitui primeiramente em uma quebra de regras, inventar as suas próprias, libertar a criatividade das construções socioculturais, projetar ações estéticas e revolucionárias contra o controle social. Era isso que propunham ao perder-se na cidade: a utilização do tempo livre do trabalhador fora no consumo do sistema capitalista, sem a necessidade de consumir e produzir fora do tempo de trabalho. Voltar a vida ao momento de prazer e lazer, provocar e reativar o desejo latente que não passou por imposições culturais e vontades impostas.

No âmbito do urbanismo moderno podemos separar essas movimentações em três fases: de meado e final do século XIX e início do século XX, a recriação da figura do flâneur criticava a primeira modernização das cidades, através das flanâncias procuravam a cidade banal e do cotidiano; das décadas de 1910 à 1959, as deambulações dos surrealistas procuravam a cidade inconsciente, criticando algumas ideias urbanísticas do movimento moderno e; do momento pós-guerra até 1970, as derivas situacionistas criticavam o modernismo (ou moderno tardio) se utilizando da psicogeografia (JACQUES, 2012).

Essa construção das flanâncias, deambulações, derivas e errância constituem a noção de perder tempo para se apropriar do espaço, da cidade, do território. Um fervoroso combate entre tempo e espaço que não se conciliam de forma absoluta com o sistema capitalista, consumista, porém “o espaço é uma fantástica invenção com a qual se pode brincar” e se sabendo brincar – jogar – é possível ganhá-lo (CARERI, 2018, p. 171).

Na contemporaneidade, o caminhar de forma livre também pode ser chamado de errância. Errar pela cidade contemporânea é uma ferramenta de apreensão e investigação do espaço urbano, o que possibilita a criação de microrresistências. As errâncias estão dentro da cartografia urbana, e são experiências não planejadas que contrariam ou profanam os usos planejados do espaço na cidade (JACQUES, 2012).

Por muito tempo e ainda hoje quem caminha de forma livre e errática pela cidade são os chamados “Outros Urbanos”: ambulantes, camelôs, catadores, prostitutas, pessoas em situação de rua. O homem ordinário resiste e sobrevive em seu próprio cotidiano, escapa da anestesia pacificadora da cidade espetacularizada que busca eliminar os dissensos e as disputas entre diferentes, seja por indiferenciação, seja por inclusão-excludente.

Essa diluição dos conflitos procura diminuir as possibilidades de experiência nas cidades contemporâneas, uma esterilização da experiência. Não de forma a destruí-la, mas de capturar, domesticar e anestesiá-las essas experiências. Esses processos pacificadores sobretudo nos espaços públicos fabricam falsos consensos, escondem as tensões e impossibilitam qualquer experiência de alteridade nas cidades.

Para combater o anestesiamento, resistir à pacificação e desafiar a espetacularização, é necessário explicitar os conflitos que existem dentro da cidade, provocar os dissensos e praticar a errância como o outro urbano. Para nós, aprendiz-cartógrafo, ou caminhógrafo procuramos sempre o estranhamento, se afastar do espaço familiar e cotidiano para experimentar a cidade de dentro, se opondo ao modo cartesiano da

visão de cima, visão do mapa tradicional.

Essa experiência pode ser utilizada como ferramenta urbanística de planejamento e apreensão da cidade real através das narrativas errantes, uma transmissão da experiência da alteridade urbana pelos errantes.

As narrativas errantes são raras e escassas visto que seu principal personagem são os Outros Urbanos, por isso a narrativa aqui se faz importante tanto no processo de apreensão da cidade como contemporânea, quanto como registro da cidade real contemporâneo, com seus conflitos, suas discordâncias e sua opacidade.

As narrativas errantes são narrativas menores, micronarrativas, que contrapõe as grandes narrativas modernas e reafirma a potência da vida coletiva. A complexidade e multiplicidade de pensamentos e formas de viver na urbe confronta a tentativa de criar um pensamento único e singular, sem diferenças ou embates entre heterogêneos modos de usar e se apropriar dos espaços (JACQUES, 2012).

A errância é uma forma de caminhar na cidade e assim, perder-se nela, de forma zonzona, sem direção, perdida. É nesse sentido que Careri (2018, p. 167) explica o caminhar na obra *Walkscapes*, onde o termo *zonzona* – no idioma italiano – refere-se ao “passear sem meta, perder o tempo”. Às margens dos muros de Roma, o grupo que caminha com Careri usa da caminhada como prática estética, ao percorrer caminhos feitos e desfeitos, sem distinção entre público ou privado, dentro ou fora, são traçados os entre-meios de um mapa único do zonzear.

Há uma grande relutância entre os alunos de Careri (2018) de se disporem a “perder o tempo” muito valioso hoje – e sempre – ainda mais para estudantes. Contudo, a insistência na prática de perder o tempo é imprescindível para a profanação dos lugares de circulação, ressignificando as ruas e bairros.

Apesar da magnitude desta prática, Careri (2018) admite que o andar zonzona em território europeu é essencialmente diferente, sobretudo quando relatado o caminhar em Bogotá, Santiago do Chile, São Paulo, Salvador e Talca. As regras exigidas para a prática do caminhar e a apropriação do espaço na América Latina coexistem com o medo: do escurecer, do espaço público, do outro, da violência...

Careri (2018) ressalta a falha de contato pelos alunos latinos de arquitetura com a rua, principalmente na infância, como brincar na rua e andar pelo bairro onde se vive. A compreensão do autor é persuasiva, explicamos. Essa ausência nos acompanha pelo resto da vida, aos arquitetos(as) e urbanistas latino-americanos que projetam casas e interferem nas cidades, a falta de pertencimento provocada pela inexistência de um elo com a rua afeta tanto o profissional como a população que se beneficia de seus serviços.

Se o andar não é natural, mas mecanizado por esse afastamento, não há o encontro do indivíduo e a vida que acontece nas ruas, não há como fazer da rua nossa segunda casa, e não há como planejar bairros e cidades sem os efeitos desse encontro verdadeiro. Ao passo que essa distância, esse sentimento em que a rua não é um habitat natural nos provoca um deslocamento do pertencer: essa rua é minha? Eu vivo aqui? O bairro é meu? Eu conheço as pessoas que aqui convivem? As casas? Os fragilidades e potencialidades? Essa é a minha cidade?

A intervenção em uma cidade/bairro, quando acompanhada do medo de explorar lugares desconhecidos ou não familiares pode destruir a possibilidade de apresentar soluções aos problemas reais que possam existir naquele território.

Resta para nós latino-americanos, nos apropriarmos da rua, que hoje é vista como o lugar de andarilhos, dos sem-teto, dos vendedores ambulantes. Afinal, “o único modo de ter uma cidade viva e democrática é poder caminhar sem suprir os conflitos e as diferenças, poder caminhar para protestar e para reivindicar o próprio direito à cidade” (CARERI, 2018, p. 170).

Ao praticar a errância é necessário também estar disposto a cumprir o jogo. Jogar com a cidade é priorizar os usos dos lugares, em detrimento à sua função. O jogo urbano, então, pode ser usado como apreensão dessa cidade outra. Alguns exemplos do jogar na cidade é: conversar com estranhos no caminho; escolher o caminho mais tortuoso para chegar no destino; não ter destino. Também é capaz de envolver os sentidos, não só os cinco sentidos humanos, olfato, paladar, tato, mas todas as significações da palavra “sentido”, como direção, propósito, significado. Os situacionistas

insistem na importância da invenção e criação de condições favoráveis para o desenvolvimento dessa paixão pelo jogo urbano, no valor do jogo, que seria o da própria vida livremente construída, sendo que a liberdade seria garantida pelas práticas lúdicas” (JACQUES, 2012, p. 223).

O errante “inventa sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante”, ou seja, ele cria a partir da experiência de caminhar e jogar, uma cidade singular e subjetiva (JACQUES, 2012, p. 24).

Portanto, a caminhografia se trata da junção do registro cartográfico embasados na cartografia de Deleuze e Guattari; o jogo da cartografia urbana proposto pelos situacionistas e; a caminhada zonzona exposta por Careri. Essa combinação de caminhar, jogar e registrar, possibilita que o caminhógrafo apreenda (d)a cidade, suas afecções e percepções e construa um mapa da diferença.

A caminhografia proporciona o contato com a alteridade da cidade, com o outro. Cotidianamente, parte majoritária da população utiliza as ruas como travessia de um lugar ao outro, passagem veloz e desatenta por onde a vida apenas passa. Contudo, na rua existe vida, outras velocidades, outros tipos de atenção e outros modos de viver: a rua como constituinte da vida, pano de fundo principal de existência. É dela que vem o sustento, o dormir, o morar, o comer.

Quando praticamos a caminhografia procuramos caminhos desconhecidos, andamos em ritmos mais lentos e nossos olhos ficam mais atentos aos pormenores da rua. Entramos em contato com uma rua-outra, uma cidade-outra, onde o andar de um ponto a outro é feito pelos outros, enquanto a vida ali permanece. Para nos ajudar com esse processo de entrar em contato com o outro, narrativas urbanas são feitas – simultaneamente – no caderno de campo.

O registro no caderno de campo é livre, isso quer dizer que as anotações podem ser desenhos, linhas, textos, palavras soltas, qualquer forma de expressão que o caminhógrafo sinta com os pés, olhos, cabeça, coração. Também é possível fazer outros tipos de registros como imagens – fotos e vídeos – e sons. Tudo aquilo que é captado pelo caminhógrafo de uma forma sensível e (in)consciente é usado para a apreensão da cidade como ela é, da rua, do bairro, do tempo e do espaço.

Um mapa rizomático é criado através dos afectos e perceptos e conduzido pela subjetividade que atravessa o caminhógrafo de forma coletiva. É o produto da expressão do processo de caminhar, jogar e registrar. Assim como não existem manuais ou regras para esses processos, também não há para o resultado, há apenas pistas, que são

lançadas para que se faça uso da própria imaginação e dos sentidos.

Os jogos, trazidos pelos situacionistas para essa metodologia, nos possibilita escrever sobre o território. Deixar rastros efêmeros ou temporários na cidade que podem – ou não – trazer algum tipo de reflexão sobre os costumes cotidianos. Ao jogar com a cidade e com o percurso usamos a caminhografia como elemento para intervir na rua, modificar camadas objetivas e subjetivas do consciente e do inconsciente da cidade. Tentamos, de alguma forma juntar, colar discurso, prática, estudo e realidade, através de jogos que usam a rua, o cotidiano, nossos corpos, outras pessoas, nossos sentidos, os sentidos de outras pessoas. O tato, o olfato, a voz, a letra, o som, o movimento lento, atípico, excêntrico ou normal, cotidiano.

É nesse entremeio de mundos, do corriqueiro e do incomum que moram as problematizações: quais são os movimentos aceitos? Por quem são aceitos? Quem dita o “normal” e o “outro”?

Ao fundir a filosofia da diferença de Deleuze com as errâncias urbanas temos um campo de ação que vai além da caminhada em si, vai além do registro síncrono, além das lembranças que carregamos. A ação de caminhografar carrega consigo uma grande potência de criação. Ao pensarmos nossos conhecimentos como rizomas, na multiplicidade de modos de vida e nas tantas amarras que devemos reconhecer para nos libertar, conseguimos de certa forma problematizar o cotidiano, nosso próprio, da cidade, da rua, da população, dos tipos de vida que englobamos quando pensamos na população e quais estão isolados, quais não pertencem a esse grupo.

Quando dizemos isso, problematizamos: será que todas as formas de viver estão inclusas nos planejamentos das cidades? nos livros e artigos que tratam sobre a cidade contemporânea? nos meios de contato com nossos meios de notícias, como reportagens televisivas, rádios, redes sociais e internet? Quando pensamos na palavra “população” pensamos numa sociedade hegemônica, homogênea, regulamentada e nivelada. Rotinas parecidas e familiares a nós. Porém, existem as possibilidades de modos de vida na cidade, mas como planejadores e pensadores da cidade, devemos considerar sem invisibilizar os grupos minoritários e excluídos, como os indígenas urbanizados, as pessoas em situação de rua, andarilhos, prostitutas, enfim, os outros urbanos que vivem na cidade.

A partir do explorar lugares desconhecidos e não familiares que a caminhografia proporciona, pela mudança de velocidade que esse caminhar induz, conseguimos nos deslocar desses espaços de ensinamentos e pensamentos culturalmente imbricados nos nossos conhecimentos. Daí a grande potência criadora da caminhografia e da filosofia da diferença. A partir delas é possível descrever o território real, se deslocando das grandes narrativas modernas do capitalismo, um registro que compõe parte subjetiva da cidade contemporânea, seus diferentes e heterogêneos modos de habitá-la, além do caráter cultural do estilo de narração, dos modos de vida e dos hábitos.

O produto da caminhografia é na verdade o próprio processo: processo de caminhar, de pensar, de ver, ouvir, sentir, afetar e ser afetado. Esse processo de encontros, choques, colisões resulta em um mapa rizomático dos afectos e perceptos que nos atravessam, ou melhor, que atravessam o caminhógrafo, e geram um registro único. Há também o encontro coletivo, seja com outros caminhógrafos, seja com desconhecidos ou até mesmo colegas que ajudam de forma subjetiva – ou não – a criar um registro desse processo e também, a processar.

O mapa caminhográfico pode ser composto pelas diferentes expressões de arte, através do som, do movimento, da cor, do volume, do espaço, da palavra e do audiovisual. Pode

ser montado de forma livre, individual – apesar de nunca ser um resultado individual – ou coletivo. É a partir dos afectos que a expressão encontra sua forma mais genuína: quanto mais presente está o caminhógrafo na cidade, mais a caminhografia toma/adquire forma enquanto narrativa.

O lugar Outro na cidade, no nosso caso: o evento de rua “Sofá na Rua” e a produção de um mapa da diferença – caminhografia – formam um encontro. E dessa forma, um encontro vira mapa, mapa da montagem dos afectos, o recorte, a colagem, a sobreposição e justaposição. É a maneira de expressar os atravessamentos, as visões, os sons, os cheiros, os toques, os sentidos, que fazem do processo o próprio resultado da caminhografia.

Caminhografias

Foram coletadas fotografias oficiais do evento para que através delas pudéssemos ter uma percepção – ainda que superficial – sobre a passagem do tempo e evolução do evento. Essas imagens, junto com o texto, compõe um mero aspecto do evento que não tem pretensões de substituir o corpo presente na rua.

Após, estão transcritas as caminhografias realizadas no ano de 2019 e 2020, feitas pela caminhógrafa. As caminhografias realizadas no primeiro ano da pesquisa (2019) são feitas pelos pés, pelos olhos, pelo corpo presente na rua. As de 2020 contudo, são feitas pelo cérebro, pelo fluxo de pensamentos, com o corpo lá onde estou ausente, mas ainda aqui, em minha casa, onde me faço presente.

A pesquisa foi atravessada pela pandemia, as caminhografias realizadas em 2019 não contava com todo o conhecimento e imersão da caminhógrafa no plano do evento. Dessa forma, há uma tentativa de esgotamento de análise e debate sobre os registros já feitos. Atravessada também porque após os estudos necessários para compreensão total da metodologia não houveram edições na rua do evento, apenas através de lives no Facebook.

As caminhografias iniciais foram feitas com intenção de especular a produção da cartografia, de caráter experimental, para que o evento pudesse ser sentido antes de analisado. Realizadas através de escritas simultâneas à caminhada, as caminhografias perdem um potencial de problematização e afecção que nada mais pode ser feito, dado que a pandemia persistiu e as ruas continuaram “fechadas” para os sofás na época da realização da pesquisa.

Porém, ainda assim, podemos tê-la como narrativa urbana que dirige nosso olhar aos acontecimentos que atravessaram a caminhógrafa durante sua realização. No contexto em que foi realizado, na duração do evento, a caminhografia nos permite problematizar e perceber potenciais e fragilidades no evento.

Destacamos que o objetivo não é rotular ou lançar juízo de valor quanto a realização do evento, e sim, procurar meios de fazer com que a metodologia da caminhografia ajude a detectar pontos que se aproximam ou se afastam das forças que agem no dispositivo cidade e como se dá a análise do evento.

Assim, percorreremos o evento de forma teórica e prática.

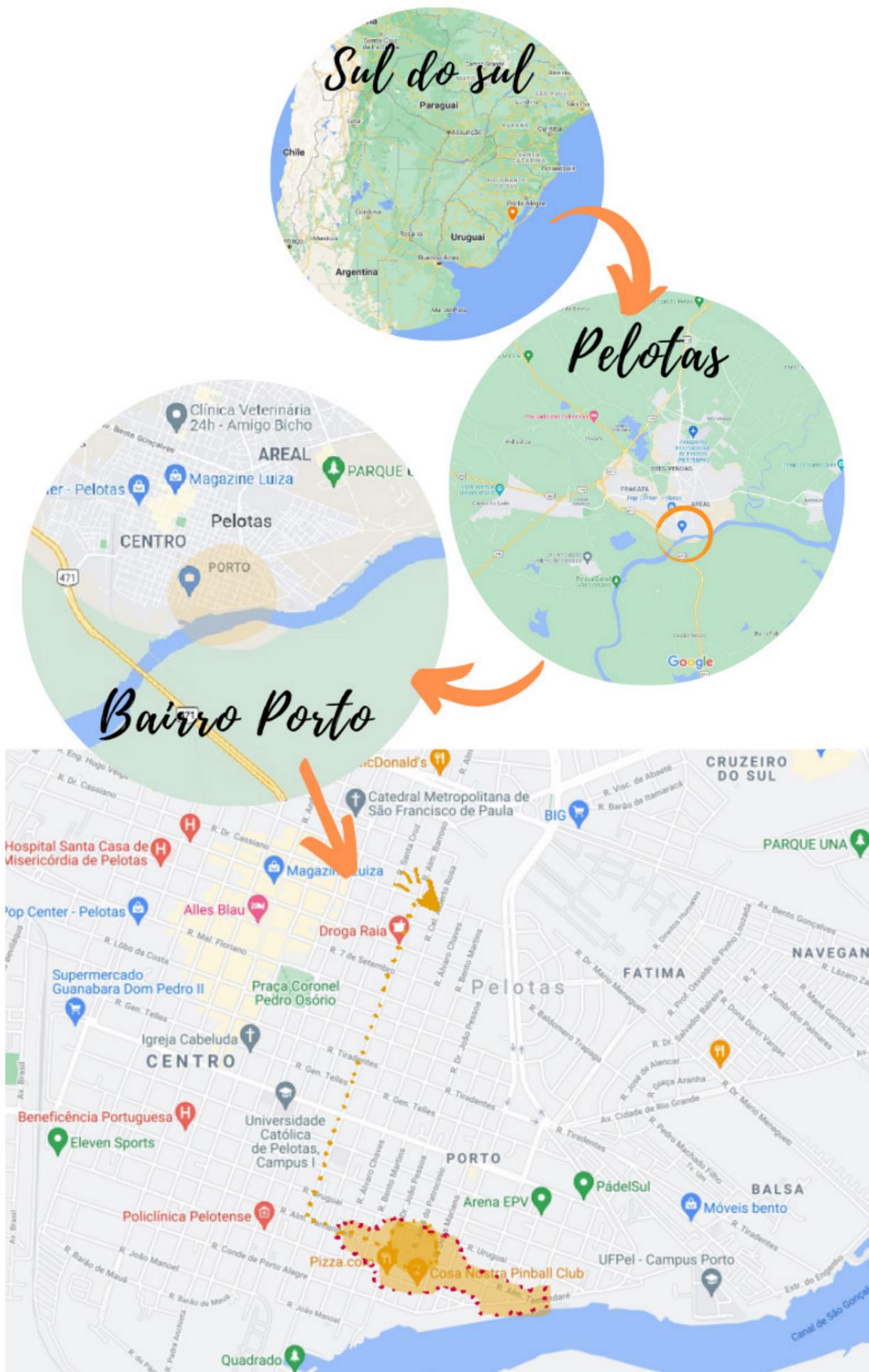


Figura 3 - Mapa das caminhografias. Fonte: autora.

A seguir, transcrevemos a caminhografia feita durante o evento “Sofá na Rua”, em setembro de 2019, os afectos e perceptos, através da narrativa dos caminhos percorridos no dia (Figura 3). Em seguida, a caminhografia feita junto ao grupo experimental e interdisciplinar *Partendo dal Porto Portando*, conduzido pela Prof. Dra. Emanuela di Felice, quando caminhamos na região portuária de Pelotas, em novembro de 2019.

Já nas caminhografias do ano de 2020, temos uma tentativa de “caminhografia de casa”. A primeira, feita a partir de um atravessamento inesperado em maio de 2020 e logo após, da última edição do evento feita em formato digital e online do mesmo ano. Essas últimas são tentativas de extravasar a rua e trazer para a pesquisa um pouco do que foi ser pesquisadora em uma pandemia, sem deixar de produzir.

Apesar da não intenção em fazer surgir uma nova espécie de caminhografia, feita sem a presença corporal no local, não podemos deixar de destacar a diferença na composição desses dois modos. Como a mente devaneia à própria sorte sem que haja necessariamente um atravessamento de acontecimentos reais quando a caminhografia é feita de forma remota. O que nos leva a um deslocamento do território existencial da pesquisa, para um território particular de experiências, memórias e afetos pessoais do pesquisador.

Quase como uma psicanálise des-coordenada, sem um profissional para se guiar, a caminhografia remota nos permite registrar mais, quantitativamente, contudo, não nos permite falar sobre a cidade cotidiana, banal, real. Nos permite continuar a vagar pelo plano diretor, pela imaginação da “cidade vista de cima”, pelas fabulações e intenções que temos enquanto urbanistas e não enquanto corpos que habitam a cidade real. Corpos que sentem cheiros, que suam, que passam frio, que comem, que caminham, que cansam, que sentem.

Sofá na Rua – 15 de setembro de 2019.

Para chegar ao evento, eu preciso percorrer em quase toda a sua totalidade a Rua Almirante Barroso, saio de casa antes do anoitecer e sigo pela rua de forma livre. No caminho já noto as movimentações de diferentes grupos de amigos, duplas e pessoas só, a pé ou de bicicleta, encontro e desencontro os grupos o tempo todo, os caminhos são vários e o destino é um só. Mais perto da rua onde acontece o evento já sinto o cheiro de churrasquinho de rua e já começo a escutar a música, já se enxerga o aglomerado⁷ de pessoas – hoje a música é boa – penso, toca Tim Maia e o clima está ótimo. Ao entrar em meio à multidão, já sinto o cheiro de maconha, pessoas dançando e cantando, mas em sua grande maioria, são apenas grupos de amigos reunidos e conversando. Como um lugar sem preconceitos ou paradigmas, onde cada um pode ser o que quiser de forma muito individual e mesmo assim, coletiva. Noto as pessoas de todos os tipos, nas laterais da rua em cima das calçadas, barraquinhas onde são vendidos dos mais variados artefatos: roupas, comidas doces, salgadas, veganas e carnívoras, plantas, artesanatos... Mais próximo ao fim da rua, onde fica o palco, estão os sofás e a mudança de público é quase que palpável, crianças e idosos, adultos e jovens, todos juntos apreciando o show e esperando as próximas atrações. Atrás do palco, um espaço *kids* com pequenas cadeiras e mesinhas em escala infantil, onde as almofadas são ainda mais coloridas e as risadas ingênuas e divertidas tomam conta, pequenas carinhas pintadas, brinquedos e brincadeiras. Na rua de trás, um improvisado de rampas e obstáculos para a galera do skate, aqui se vende de tudo, os

⁷ Hoje, 28 de abril de 2020, transcrevendo minha andança, já sinto a estranheza em escrever a palavra “aglomerado”, talvez antes a conotação dessa palavra fosse mais leve, mais alegre, talvez, falasse sobre reuniões e alvoroço, de uma maneira inofensiva. Hoje nos remete a algo mais sério, porém, escolhi não substituir a palavra original, afinal, ela tem uma razão por estar onde está.



vendedores são dos mais variados, desde mulheres que sobrevivem dessa renda, até jovens estudantes que veem no Sofá na Rua uma oportunidade para fazer sua “graninha extra”. Conversando com os sofaenses, apelido carinhosamente dado aos participantes do evento, descubro que hoje mais cedo um casal foi preso no local, eles estavam vendendo os famosos brisadeiros⁸. “Deu ruim” foi o que ouvi o moço que vendia balas dizer, “mas logo mais aparece alguém vendendo de novo”. Penso nesse momento, que é uma ótima deixa pra uma reflexão sobre drogas, consumo, venda, capitalismo, urbanização, tudo isso paira na minha cabeça e passa em dois segundos páginas e mais páginas que isso poderia render um dia. Volto a mim e olho em volta, procurando o que encontrar, forçando os olhos para ser afetada, não encontro nada específico, olho na verdade, a multidão: Adultos, jovens, jovens adultos; Crianças, casais, solteiros; Brancos, pretos, amarelos; Mulheres, homens, gente! Héteros, gays, lésbicas, bissexuais, assexuais, transexuais, seres com sexo, com cor, com vida. Gente curtindo a festa, gente no celular, gente falando, gente em silêncio, gente querendo falar, gente querendo ouvir, gente querendo falar, gente não querendo ouvir. Coincidentemente a apresentação agora é sobre humanos, escuto (Figura 4). Confesso que não sei muito o que escrever, sinto que toda vez que eu olho para o caderno, perco algo, agora estamos sentadas no meio-fio, entre a barraca kids e os skatistas, ouvindo o som que de costas pra nós, nos mostra a cara de um evento infinito.

Zona do Porto – 07 de novembro de 2019.

Saímos da Faurb por volta das 17 horas, rumo ao porto, seguimos a Rua Benjamin Constant. Pelo caminho pessoas passeando com seus cachorros, por vezes sentados em frente à sua casa com cadeiras de praia, tanto na Benjamin, quanto nas ruas transversais. Ao passar pela Galeria Brahma, paramos. Reparo como as expressões urbanas se fazem presente na região. O chão inteiro treme quando passa um ônibus pela rua de paralelepípedo. Os pontos de ônibus são precários e os carros de autoescola tomam conta do lugar. Organicamente, nosso grupo cria um círculo para

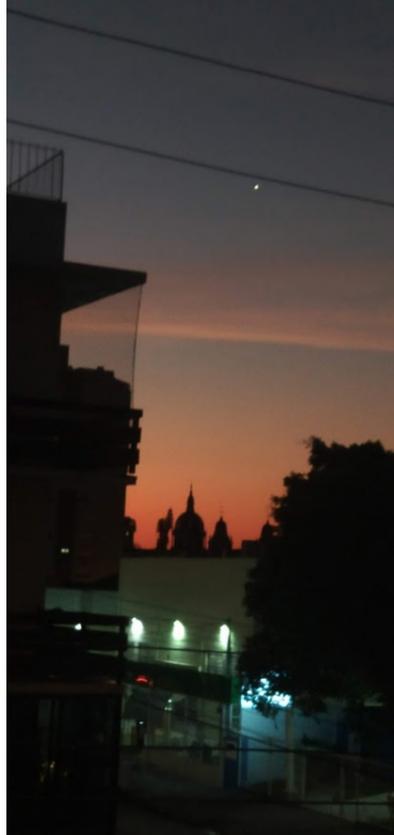
⁸ Brigadeiros feitos com manteiga de maconha.

que possamos nos apresentar. As (poucas) pessoas que passam por nós escolhem entre duas possibilidades, fazer a volta – passar pela rua – ou atravessar no meio do nosso círculo. Ao observar essa escolha e quem as faz, penso também sobre nossa reprodução de papéis na sociedade. O primeiro grupo, de jovens, passa pela rua. O segundo, de adultos, passa pela rua, mas nos olha como se estivéssemos usando a calçada de forma errada, e de fato, talvez estivéssemos. Depois, passa uma mulher, com uma criança no colo e outra agarrada em sua mão, e como se calculasse o esforço que deveria empenhar se decidisse cruzar pela rua, com duas crianças, atravessa nosso grupo. Enquanto tomo anotações, escuto atentamente aos participantes da caminhada. Alguns alunos da graduação, outros professores do campo da Antropologia, mas também curiosos de diversos campos de estudo. Ao continuar a caminhada, vejo que em frente à rua que acontece o Sofá na Rua, existe uma oficina de carro. Ao seguir caminho, chegamos na Praça da Cotada, onde crianças brincam. A lua está sensacional. E na parede em letras gritantes “MULHERES RETOMEM AS RUAS”. Ao seguir os trilhos do trem, com a grama torrada pelo sol em meio as pedras, chegamos na fábrica Moinho Pelotense, que hoje é usada como armazenamento de grãos. Conseguimos entrar na fábrica e passear pelas marcas do tempo. Ao sair de lá, já escurecendo, voltamos pela rua Gomes Carneiro e em determinadas esquinas cada um seguiu o seu caminho (Figura 5).

Live teste do sofá na rua – maio de 2020.

A imanência de um presságio de aproveitamento do lugar no agora.

Foram alguns minutos em frente à tela do celular lendo a palavra garrafal e colorida: TESTE, que me fez borbulhar pensamentos e sentimentos sobre o tempo e o espaço-território. Como poderia eu, imaginar que os eventos que presenciei e não cartografei, por achar que “ano que vem seriam melhor cartografados”, seriam de tanta valia. Como poderia eu, imaginar que um simples teste de “live” na internet abriria o mundo virtual para as possibilidades de encontros virtuais que não mais podem ser presenciais. Me arrependo, por parte, em não ter cartografado todos os eventos que fui, também, pensei na época, que perdia algo de genuíno ao ir com um caderno na mão a um evento tão distinto. Se a experiência extrapola a narrativa, eu poderia dividir minhas idas ao



evento em idas acadêmicas e idas da vida, e assim, ao escrever essa dissertação, tanto a parte acadêmica quanto a parte vida apareceriam de alguma forma. E por parte tenho razão, por parte não. Tenho razão porque a experiência de ambas as situações se dá de formas diferentes – numa se escreve sobre a maconha, em outra, usa-se, numa se escreve sobre a música, em outra, vive-se –, mas a questão do registro fica prejudicada, porque a experiência sem narrativa vira fabulação, e não é de fabulações que se dão as experiências, não em todo pelo menos. Então, passo a valorizar o território, o espaço e o tempo. Passo a valorizar também, o registro. Tenho um livro chamado “Tentativa de esgotamento de um local parisiense” que comprei por impulso de entender o esgotamento de um local, o fazer urbanismo enquanto não se faz nada, como diz o autor. Também já li textos do Hélio Oiticica, que faz um registro da cidade do Rio de Janeiro. Ambos falam das cidades onde residem, ambos estão no tempo, conscientes, registrando-o. Então, me deparo com a preciosidade de um registro temporal consciente, que leva para o eterno – o tempo das afecções – a experiência do antes, ou do anterior. Louco, completamente insano, eu diria àquele que me ousasse anunciar o presente! E por isso começo a perceber o raro de cada instante. O raro em andar na rua, o raro em percorrer o caminho à faculdade, o raro dos pixos pelo caminho (que também são efêmeros e agora enxergo – com os olhos da alma – o quanto desprezei-os ao pensar que poderia registrá-los ‘outro dia’). Longe de mim fazer apologia ao “viva como se fosse o último dia da sua vida”, seriam atrocidades que provavelmente me marcariam permanentemente as que eu faria, mas acho que a palavra “conscientemente” ajuíza de uma maneira mais precisa o sentimento. Talvez a velocidade do cotidiano nos dê a sensação de bem estar em menosprezar os segundos. Talvez a velocidade de conseguir a informação nos mantém calmos ao esperar o “filme sair”. Talvez o registro fixo e imediato de informações que as tecnologias nos permitem, façam com que o próprio conhecimento seja depreciado. Por fim, o exercício de valorizar o agora é de um tanto quanto difícil, porém não o fazer seria apenas um desleixo (Figura 6).

#75 Sofá na Rua, live - 19 de dezembro de 2020.

Do sofá da minha sala passo pela cozinha, abro a geladeira, olho, olho de novo, nada de novo desde a última vez. Pego uma garrafa de água e vou para o quarto:

computador ligado, papel na mesa, lápis na mão, será que isso é uma caminhografia? Cinco minutos antes do evento começar oficialmente uma música na tela, será que eu deveria fazer pipoca? Começa uma narração e imagens passam na tela, 8 anos de Sofá na Rua em 2020, respeito à diversidade. Feirinhas, roupas, artesanatos, comidas, cerveja, no inferior da tela passam nomes e números dos estabelecimentos parceiros como naqueles canais que vendem semi joias de madrugada. A live começa com a Renata e a Isadora, organizadoras do evento, falam sobre aglomeração, contato, proximidade... O cenário tem plantas, violão e duas enormes poltronas onde estão as duas. Com “parceria” da Outroporto e CMPC muito se assemelha com programas de televisão com patrocinadores e propagandas. Não tem como não comparar as festas da rua com as lives em casa. A impossibilidade de prestar atenção em outra coisa do evento que não o que nos é apresentado, de conversar com colegas e amigos que tão estão assistindo. Como toda live, problemas de conexão, algumas frases cortadas, começa a primeira apresentação. Quatro músicos divididos na tela com violão e instrumentos improvisados, sino dos ventos, chocalhos e outros badulaques. Rodrigo Garcia, o músico convidado, fala sobre sua amiga Cassia Eller e sobre como fez amigos e parcerias musicais em Pelotas. Interessantes ele falar da Cassia, o que ela pensaria sobre esse momento que estamos vivendo? Quanta revolta e quanta arte isso pode gerar? Quão saudáveis físico e mentalmente estão nossos artistas para criar? música tocada é bastante instrumental, logo entra os irmãos D’ávila, com transição de tela entre uma e outra casa, entre um e outro sofá. Qual a preciosidade desse momento? Quão especial ele é, e o que difere um acontecimento gravado para um não gravado? Porque obviamente há diferença entre uma live e um show/festiva ao vivo, isso é indiscutível. A produção audiovisual está muito sensível, por vezes alegre, outras emocionantes. Rodrigo traz amigos e convidados para tocar com ele algumas músicas, me sinto próxima ao artista que está na tela, mas ao mesmo tempo invisível. Uma intimidade de receber todos eles em meu quarto e poder ser recebida na cada deles também. Uma intimidade impessoal, inexistente, afinal, ninguém está na minha casa e eu daqui não saí. Voltam as apresentadoras falando sobre os 3 eixos do Sofá na Rua: diversidade, apoio aos artistas locais e apoio à economia local, chamada de economia criativa e solidária. “Consumir é um ato político” diz uma delas, “consuma local” dos pequenos empreendedores. Antes de voltar às apresentações artísticas, empreendedores mostram seu negócio, um ateliê de artesanatos e um escritório de arquitetura sustentável e de baixo custo. Agora canta uma voz feminina, com um sotaque lindo do nordeste do país. Me pergunto se não seria a arte o grande impulso de fuga da normalidade, fazer arte para si, para o outro e pelo outro, uma troca de expressões que se cruzam e se chocam em sentimentos que tocam o outro. Definitivamente, “caminhografar” em uma mesa é diferente. Enquanto escrevo nas ruas com meus pés, agora me resta os pés na cadeira e as pernas mais finas e atrofiadas cruzadas em baixo dela. O devanear com o pé, com os olhos e com o coração, na rua transforma de dentro pra fora, com o tempo e com o processar dessa caminhada. Aqui, agora, me ocupo de quase uma hora de evento para escrever sem intervalo, um pensamento levando a outros tantos, uma apresentação abrindo o caminho a tanta folha em branco. Foram várias apresentações curtas de artistas independentes espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Quer dizer, o quanto o Sofá na Rua tem a potência de reunir e fazer convergir artistas e “consumidores de arte” com o propósito de criar uma rede de apoio entre artistas e conectar pessoas semelhantes em ideias, que vem de diferentes lugares e vivem de diferentes formas. Foram vários convidados, cantando, tocando com Rodrigo Garcia. Engraçado o quanto esse impulso de descrever o que acontece no “palco-tela” se perde no evento na rua. Esse ímpeto substitui os pés ziguezagueando entre a rua e a calçada, entre dança e desvio. Que saudade... O evento termina, mais nomes de empreendimentos passam na parte inferior da tela, enquanto as apresentadoras conversam no mudo, se mexem, levantam, abanam... vida que segue. E fim.

Reflexões sobre as caminhografias

Na caminhografia do dia 15 de setembro, destacamos dois trechos sobre o evento: “[...] saio de casa antes do anoitecer e sigo pela rua de forma livre” e; “Como um lugar sem preconceitos ou paradigmas, onde cada um pode ser o que quiser de forma muito individual e mesmo assim, coletiva”. Entendemos a pretensão de seguir pela rua de forma livre⁹, mas será que essa liberdade é verdadeira? Se conforme os preceitos foucaultianos de que nunca estamos livres das forças que nos condicionam, de onde surge essa idealização de um lugar seguro e sem preconceitos?

Ponderar sobre a liberdade traz uma sequência de novas indagações: O que é caminhar de forma livre? Isso existe? O que não se move de forma livre? Ou melhor, quem não se move de forma livre? A quem é permitido caminhar livremente? Na tentativa de responder a essas inquietações vestimos as lentes de Foucault, Deleuze e Guattari sobre sociedade, identificação, individualização e desejo.

Um território é feito por repetições e seus ritmos, formando a linha molar, que evita a todo custo o encontro com o novo, com o outro, que pode provocar uma desterritorialização. Dessa forma, a linha molar nos faz acreditar que somos livres, porque impede ao máximo as problematizações que podem surgir desse encontro, que resultaria na produção de uma linha de fuga.

Ao invés de tentar encontrar o significado de liberdade, podemos refletir sobre como o medo nos faz prisioneiros de trajetos, hábitos, modos de existência. Para Deleuze, os aspectos subjetivos não são construídos apenas individualmente, eles são construídos coletivamente, neste caso, o medo é utilizado como componente de subjetivação biopolítica. Isso enfraquece tanto as relações individuais quanto coletivas, com intuito de despotencializar os encontros.

O medo gera exclusão e marginalização no espaço urbano através da grande mídia, de produtos e serviços em favor do capitalismo e das narrativas para separar cada vez mais a população em pequenos nichos.

Na obra “História da sexualidade”, Foucault (2018) diz que a sexualidade emerge como um dispositivo para reger comportamentos aceitáveis, para ditar o que é proibido e permitido, diferenciando o “normal” do “anormal”. Esse dispositivo também serve como subterfúgio à confissão e conseqüentemente, separação da população.

Por esse motivo, é necessário problematizar o trecho que afirma a inexistência de paradigmas e preconceitos no evento: qual lugar resiste à pressão e a lógica heteronormativa que cria os preconceitos e violências contra as minorias sociais? Ademais, como podemos afirmar que cada um pode ser o que quiser? Quanto desse querer está imbricado na lógica social de padrão de comportamentos e produção do desejo? Até que ponto podemos confiar nos nossos desejos sem problematiza-los e analisar qual a verdadeira fonte desse querer?

9 A palavra *livre*, neste contexto, pretendia expressar a possibilidade de escolher qualquer trajeto para chegar ao evento, por mais longo que fosse. Porém, seguir de “forma livre” não significa liberdade para andar fora das calçadas, pois a cidade é comandada pelos automóveis. Não se aplica também, nas escolhas sobre quais ruas uma mulher pode ou não se “aventurar”. Uma vez que, o medo rege nossa caminhada constantemente. Qual é a minha real segurança em um lugar público? O que me faz sentir estar em um lugar “sem preconceitos ou paradigmas” está completamente ligado ao meu tempo e espaço, minha companhia do dia, além de ser uma sensação subjetiva causada pela maneira em que se apresentam as relações sociais nesse contexto: quanto mais pessoas eu identifico como sendo parte do “meu grupo” mais eu me sinto segura em reafirmar essas posições.

Em primeiro lugar, podemos afirmar que o desejo é coletivo no contexto de produção de subjetividades em Deleuze e Guattari (1995). Porém, o desejo também é um fundamento pré-individual considerando sua força de movimento pelo Inconsciente Maquínico, usina produtora de desejos que existe antes mesmo dos órgãos e organizações no nosso corpo (Corpo sem Órgãos). Partindo do pressuposto que apenas é possível alcançar o desejo pré-individual como exercício de produção de um CsO e que a ele não se pode chegar, podemos aferir que os desejos individuais são irrealizáveis, e nosso querer é sempre estabelecido por meio de uma lógica coletiva, construída.

Em seguida, o excerto “Noto as pessoas de todos os tipos” ressalta a noção de diversidade, o que orienta a discussão no que concerne às divisões e subdivisões inconscientes. A seleção e separação em “caixas” de gênero, raça, sexualidade e classe seguem uma lógica totalizante e generalizante, oriunda do racionalismo clássico.

Mais adiante na leitura da caminhografia de 15 de setembro, encontramos:

[...] descubro que hoje mais cedo um casal foi preso no local, eles estavam vendendo os famosos brisadeiros. “Deu ruim” foi o que ouvi o moço que vendia balas dizer, “mas logo mais aparece alguém vendendo de novo”.

Sabemos que a cidade está inteiramente imersa nos encontros e que conseqüentemente, faz parte da exclusão e marginalização dos indivíduos. A partir dos estudos foucaultianos, podemos afirmar que o Estado determina padrões de comportamento, ao mesmo tempo em que responsabiliza os desviantes. Outrossim, oculta tanto a autoria dessas determinações quanto seu caráter inventivo.

Denunciando que as práticas de produção do conhecimento na ciência moderna fazem desaparecer sua origem inventiva, a lógica também se aplica aos conhecimentos e valores a que somos condicionados.

A gestão dos ilegalismos é realizada pelo poder governamental que produz uma diferenciação de tratamento das classes dominantes. A disciplinaridade e a retenção dos corpos marginalizados resulta na manutenção da prisão até a contemporaneidade, com foco nos grupos socialmente oprimidos e empobrecidos¹⁰.

Nessa temática, além do traficante de drogas, emerge a figura do usuário. O uso de psicoativos pode servir à diferentes modalidades, como: recreativo; religioso, que vai ao encontro do divino ou misticismo; terapêutico, em tratamentos médicos; a busca de um laço social que promove a sensação de pertencimento e; o manejo da dolorosa existência, o sofrimento. Esses diferentes usos dependem do contexto cultural, econômico e social do indivíduo.

Os modos de vida padrão definidos pelo estado exigem da população empobrecida e excluída a busca por trabalhos informais e/ou ilegais. A partir daí, surgem alguns questionamentos: a venda e compra de drogas ocorre em todos eventos da cidade? A realização do Sofá na Rua na zona portuária, negligenciada pelo poder público, interfere nessa troca? Como é a atuação da polícia nessa região na ausência do evento? E durante ele?

10 O termo empobrecido segue a lógica de Boaventura de Souza Santos que utiliza esses termos como uma balança de relações, já que só existem pessoas empobrecidas porque existem as enriquecidas.

Dentro da cidade, existem regiões mais ou menos privilegiadas, com maior ou menor policiamento (que não se assemelha a segurança) e áreas de maior ou menor investimento público. Nesse sentido, convém questionar o papel do arquiteto e urbanista, pesquisador da cidade banal, enquanto agente modificador de um bairro.

Essa crítica perpassa o pensamento moderno que age sobre a ideia imaginária de uma cidade ideal, ao estudar regiões, bairros, até cidades inteiras apenas se utilizando do mapa tradicional e seu plano diretor. Por esse motivo, precisamos promover o debate sobre outras formas de apreender a cidade e os diversos modos de vida de sua população, tentando abarcar todas estas questões em qualquer proposição urbanística.

Comparando as caminhografias, podemos refletir sobre a percepção do ambiente no que tange às expressões artísticas presentes na cidade. A frase “Reparo como as expressões urbanas se fazem presente na região” denuncia o deslocamento dos grafites e pixos enquanto cenário do evento Sofá na Rua e, enquanto paisagem do urbano cotidiano.

A partir disso, observamos o quanto o evento é imersivo, nos fazendo estar presente cada vez mais dentro do universo “Sofá na Rua”, do que no universo da cidade cotidiana. Isso mostra o quanto os acontecimentos que nos atravessam durante o evento são deslocados da rua em que acontece a vida ordinária.

Os pixos e grafites são notados em ambas as situações, porém, durante o evento, esses desenhos e frases fazem parte do cenário, se mesclam ao ambiente. Enquanto que, na ausência do evento, eles se destacam ainda mais, fazendo emergir a sensação de rebeldia, de manifestação e resistência. É somente na caminhografia de novembro que noto “na parede em letras gritantes ‘MULHERES RETOMEM AS RUAS’”.

A frase remete a importância da luta feminista na construção das novas perspectivas urbanísticas, bem como suas contribuições à construção da cidade real, inclusiva e segura.

Para finalizar as discussões acerca das frases encontradas nas caminhografias, trazemos a imponente e marcante frase pixada em um muro. Não à toa, pois muito das afecções e forças que atravessaram as caminhografias e essa pesquisa se fez a partir de um corpo mulher. Um corpo mulher que precisa muito mais de sua intuição aguçada do que de um mapa tradicional para andar na cidade. Um corpo sempre à espreita, sempre atento, que aos poucos retoma seu lugar de direito, o mundo.

Referências

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Trad.: Frederico Bonado, x ed. São Paulo: Editora GG, 2018.

CASA FORA DO EIXO PELOTAS. *Facebook*, 2013. Sobre. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/casaforadoeixopelotas/about/?ref=page_internal. Acesso em: jul. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Vol 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. *Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b. Vol 5.

DOMINGUES, Isabelle. Sofá na Rua chega à sua 61ª edição em Pelotas. *E-cult* mídia ativa, Pelotas, 24 Jan. 2019. Disponível em: <http://ecult.com.br/geral/sofa-na-rua-chega-a-sua-60a-edicao-em-pelotas>. Acesso em: jan. 2020.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: vontade de saber*. Coleção Biblioteca de Filosofia. Trad.: Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Guerra e Paz, 2018.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

SOFA NA RUA. *Facebook*. 2014. Álbuns de Sofá na Rua. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.1509577775989266&type=3>. Acesso em: set. 2021.

TAVARES, Aléxia; LEMOS, Caroline. Sofá na Rua reúne pelotenses. *Arte no Sul*, Pelotas, 18 out. 2015. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2015/10/18/sofa-na-rua-reune-pelotenses/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

VARGAS, Jonas Moreira. “As Mãos e os Pés do Charqueador”: o processo de fabricação do charque e um perfil dos trabalhadores escravos nas charqueadas de Pelotas, Rio Grande do Sul (1830-1885). *SÆCULUM - Revista de História* v. 36, João Pessoa, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/27484/19638>. Acesso em: fev. 2022.